

## **O Movimento LGBT na Igreja: o Movimento Cores da Igreja Batista da Lagoinha no bairro Savassi**

### ***The LGBT Moviment in the Church: the “Movimento Cores” of the Lagoinha Savassi Baptist Church***

Adrielly Marinho; Bárbara Cunha; Bárbara Soalheiro; Daniel Rodrigues; Débora Alves; Isadora Barbosa; Ivana Rodrigues; Lygia Roque; Thiago Montalvão

Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais – FEAD

#### **Resumo**

Este trabalho focaliza na visão do movimento LGBT e da sexualidade de acordo com as perspectivas pastorais evangélicas da Igreja Batista da Lagoinha, localizada no bairro Savassi de Belo Horizonte. A partir da análise das entrevistas coletivas, e de estudo de campo, o autor discute e problematiza a visão heteronormativa que a igreja adota como postura e método de exterminar o comportamento homoafetivo dos seus seguidores. Os dados foram coletados no segundo semestre do ano de 2015.

**Palavras-chave:** Movimento LGBT; Religião; Igreja; Movimento Cores.

#### **Introdução**

Fundado por Priscila Coelho há cerca de um ano, o Movimento Cores ocorre no núcleo da Igreja Batista Lagoinha-Savassi, localizado na Avenida do Contorno, número 6342, Bairro Savassi. Núcleo esse que tem como foco o acolhimento de diversas tribos sociais. Este trabalho, no entanto, se restringe ao Movimento Cores, um encontro religioso que tem como objetivo apresentar o evangelho para a comunidade LGBT.

Primeiramente, através da fachada, o local já se revela ser um ambiente totalmente despojado. Podendo ser confundido com uma casa noturna á primeira vista. Após entrevistas realizadas no estabelecimento, descobriu-se que o intuito que motivou as pessoas a procurarem o núcleo, segundo os frequentadores entrevistados, foi devido á própria fé. A necessidade de estar em um local onde fossem bem acolhidos e que não houvesse olhares preconceituosos também foi um fator. O movimento abrange todas as faixas etárias, e a maioria dos frequentadores são mulheres. Observação que pode ser

comparada com o patriarcado, onde vemos que a submissão da mulher perante a sociedade é predominante.

Em entrevista, a fundadora Priscila Coelho contou que a ideia de criar o movimento surgiu após, segundo seu relato, ter recebido uma revelação do próprio Deus. Ela acredita que de acordo com a mensagem revelada, através do deus cristão, teria que trabalhar com esse público no contexto da igreja evangélica. Ela conta também, que a dificuldade inicial foi o receio de o público alvo achar que não iriam ser bem recebidos, e que o objetivo do movimento seria impor uma ‘cura gay’. "Essa questão LGBT e igreja é muito complicada, porque é quase dividida, então as pessoas têm um pensamento equivocado acerca de quem Jesus é! Até mesmos os gays e os heterossexuais, eles acham que, por exemplo, uma igreja evangélica, e eu não estou dizendo que não tenha igrejas que são assim, vão condenar o cara antes mesmo dele chegar. Então ele tem que chegar heterossexual e totalmente modificado. E não foi essa proposta de Jesus... Jesus diz que as pessoas tem que ir até ele da forma que elas estão, se são heterossexuais, se são homossexuais, se são pedófilos, médicos, advogados tem que vir para Jesus com suas dificuldades.", relatou Priscila

Frequentam o projeto, em média, cerca de 300 pessoas. E com faixa etária de 15 a 60 anos, na maioria são mulheres. Podemos relatar aqui sobre a grande influência do patriarcado sobre as mulheres, onde há uma maior privatização de seus atos e maneiras de pensar perante a sociedade. O projeto existe há um ano, mas foi efetivado á apenas sete meses, e tem como a participante mais velha a Tia Dadá, de 60 anos. “Ela veio do contexto da homossexualidade, porém se tornou uma ex-praticante há dois anos! Durante trinta anos foi casada com uma mulher. Os homoafetivos não acreditam que exista ser ex-gay, mas na nossa linguagem, ela se torna filha de Deus, ex- praticante! Ser ex-praticante para nós é não envolver com pessoas do mesmo sexo.”, explica a idealizadora Priscila.

Jovens menores de idade também podem frequentar o culto sem acompanhamento dos responsáveis legais. A organizadora explica que, por se tratar de uma Igreja, não existe uma proibição, independente da temática envolvida.

Durante os primeiros dias de estudo de campo, os participantes inicialmente ficaram bastante receosos com a nossa presença. Percebe-se que são pessoas fragilizadas, que já sofreram, e ainda sofrem muito preconceito. Queriam saber o motivo de estarmos ali, qual intuito do trabalho, e o porquê da escolha do tema. Receio esse, que foi quebrado

com o passar das visitas e entrevistas. Finalmente, aos poucos, conseguimos estabelecer confiança e fomos convidados varias vezes a retornar as reuniões, e a participar dos eventos extras que o movimento promove.

À medida que fomos adentrando, cada vez mais, na intimidade dos participantes, pôde-se notar que grande parte deles eram pessoas extremamente confusas e infelizes com suas condições. Alguns acreditavam que a homossexualidade realmente era uma doença e que, segundo os mesmos, por se tratar de um grande pecado, isso ocasionaria diferentes tipos de desgraças em suas vidas. Outros, porém, discordam deste tipo de argumento, mas ainda assim estavam dispostos a seguirem a proposta fundamentalista da Igreja, seja pela própria fé, ou por obrigação dos pais.

Quando questionados se seus familiares eram conscientes de suas opções sexuais, as respostas foram variadas. Alguns informaram que sim, e que sempre foram apoiados pelos familiares. Outros informaram que somente um dos pais possuíam conhecimento de sua homoafetividade, e que geralmente eram as mães. Todavia, a grande maioria sabia que seus filhos são frequentadores do Movimento Cores, o que teoricamente já subtendia para os pais a opção sexual de seus filhos.

Ao entrevistar a idealizadora Priscila Coelho, descobrimos que muitos pais recorrem à ela em busca de maiores informações sobre o movimento: "Eles vêm e pedem ajuda! Outros vêm para conhecer, pra entender a proposta... Inicialmente os pais ficam na dúvida, mas depois que conhecem, eles entendem que a proposta é deixar Deus agir nesses meninos, não tem muito a ver com a gente não."

Questionada sobre a ideia de converter os homossexuais, Priscila nos contou que o movimento não os obriga a se converterem, porém há o incentivo de que abandonem a prática homossexual, se tornando assim, homossexuais não praticantes. Como ela mesma se declara ser: Uma 'gay não praticante'. "Nós não convertemos ninguém a nada, a mudança não pode vir da gente, aqui é um espaço onde se fala de Deus, o Deus da bíblia, o Jesus da bíblia, para os homossexuais. O que acontece com eles, se eles voluntariamente abandonam a homossexualidade, ou não, aí já não tem nada a ver com a gente. Então a nossa proposta não é mudar a opção sexual deles. Eles não são obrigados por mim, e nem por ninguém aqui a se tornarem outras pessoas... porque o ser, é dentro... Se eles se tornam outras pessoas, automaticamente, eles correspondem isso com a ação, então eles se tornam filhos de Deus e compreendem que a homossexualidade é um dos pecados que afastam a gente de Deus. Quando eles

compreendem isso, eles voluntariamente falam ‘eu não quero mais’. Que foi o que aconteceu comigo.”, relatou.

### **Resultados e Discussão**

A princípio, a temática da inclusão dos homossexuais á religião evangélica é válida, tendo em vista o grande preconceito conjunto com discursos de ódio vindo de líderes, e fiéis evangélicos no Brasil. Contudo, de acordo com a observação antropológica do estudo, percebemos que a doutrina religiosa ainda toma a ideia de heteronormatividade como ideal de restauração sexual. E como sendo a única e correta forma a ser seguida dentro de uma sociedade cristã, que mantém a ideologia da homossexualidade como sendo algo não aceitável, e pecaminoso, no contexto religioso. Dessa forma, a moral religiosa ainda prevalece e a adoção de um posicionamento construtivista, conservador, e fundamentalista por parte dos evangélicos, deixa margem á possibilidade de gerenciamento dos corpos na produção de uma sexualidade dentro dos limites determinados pela doutrina. A problemática deste pensamento está no efeito em que causa no público frequentador, sendo na maioria adolescentes, que ainda estão em fase de construção sexual. Além da pressão social e familiar, esse tipo de posicionamento, vindo de uma figura influente no âmbito religioso, traz como consequência o sentimento de inferioridade, tristeza e conflitos existenciais perante a sociedade. E, com o intuito de se redimirem, e se adaptarem as condutas heteronormativas, fazem a negação da sua própria sexualidade e natureza.

### **Ilustrações**



Fachada da Igreja Batista Lagoinha/Savassi.



Logo do Movimento Cores.







Interior da Igreja





Cultos e reuniões na Igreja.



Palestra da idealizadora do projeto, Priscila Coelho.



### **Considerações Finais**

Ao contrário da premissa de ser uma Igreja inclusiva, o Movimento Cores se mostrou como sendo um movimento exclusivo para pessoas LGBT que, através do fundamentalismo e do discurso religioso, são incentivadas a abandonarem a prática sexual com pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade ainda é vista como tabu, como pecado, e repleto de preconceitos dentro da proposta da igreja.

Afirmar que o impulso homossexual tem origem em fatores ambientais ou espirituais, é justamente o que permite o controle das





condutas sexuais pela promessa de reversão da homossexualidade.  
(NATIVIDADE, 2005).

### Referências

COELHO, Priscila. Igreja Batista Lagoinha Savassi, Belo Horizonte. Entrevista concedida a Bárbara Cunha e Lygia Roque. 2015.

IGREJA BATISTA LAGOINHA SAVASSI. Belo Horizonte: out. 2015. Questionários realizados por Daniel Rodrigues e Isadora Barbosa.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, Gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v21n61/a06v2161.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2015.